





poeta de gaveta

# UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

Prof. Dr. João Grandino Rodas  
*Reitor*

Profª Drª Maria Arminda do Nascimento Arruda  
*Pró-Reitora de Cultura e Extensão Universitária*

Prof. Dr. José Moacir Marin  
*Coordenador do Câmpus de Ribeirão Preto*

João Braz Martins Júnior  
*Diretor da Divisão de Atendimento a Comunidade*

Camila de Carvalho Michelutti  
*Chefe da Seção de Atividades Culturais*

## *Seção de Atividades Culturais*

Aurélio M. C. Guazzelli (Lelo)  
Camila de Carvalho Michelutti  
Carlos de Araújo Arantes  
Ivani Moreno Cardoso  
José Gustavo Julião de Camargo  
Lélis Camilo Cavalieri  
Maria Aparecida Rodrigues Vitor  
Rafael dos Santos Elias  
Regina Célia Reis da Silva  
Sandra Regina Arcanjo de Carvalho Melo

Ribeirão Preto, SP

**volume 17**

---

**2011**

# poeta de gaveta

*poesia & prosa*



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO  
PRÓ-REITORIA DE CULTURA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA  
COORDENADORIA DO CÂMPUS DE RIBEIRÃO PRETO  
DIVISÃO DE ATENDIMENTO A COMUNIDADE  
SEÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS

**Produção**

*Seção de Atividades Culturais*

**Coordenação do projeto**

*Lelo Guazzelli*

**Seleção de originais**

*Oziris Borges Filho*

*Ana Carolina Sanches Borges*

**Preparação, projeto gráfico  
e supervisão gráfica**

*Valnei Andrade [eis estúdio]*

**Fotografia**

*Regina Guenka Palma Dibb*

**Editoração eletrônica**

*Apoio do Fundo de Fomento às iniciativas de Cultura*

*e Extensão da Pró-Reitoria de Cultura*

*e Extensão Universitária.*

SEÇÃO DE ATIVIDADES CULTURAIS • DVATCOM / CCRP – USP  
Coordenadoria do Câmpus de Ribeirão Preto • USP  
Rua Pedreira de Freitas, casa 04 – tel.: (16) 3602.3530  
14040-900 Ribeirão Preto / SP

[www.ccrp.usp.br/cultura](http://www.ccrp.usp.br/cultura) • [cultura.pc@usp.br](mailto:cultura.pc@usp.br)

# comissão de seleção

*Acho que a vida tá passando a mão em mim.*

*Viviane Mosé*

## O lugar entre

*A melhor definição de poesia que conhecemos é a que se encontra no livro de Fernando Paixão, O que é poesia: "Poesia é um biquíni: o que mostra é muito importante, mas o que esconde é fundamental".*

*É dessa forma, no entrelugar do mostra/esconde, que os leitores deste Poeta de Gaveta encontrarão as melhores realizações dos textos que se seguem. Velandando e desvelando, os poemas vão mostrando-nos o nosso verdadeiro espaço neste mundo cada vez mais confuso de valores em que o ontem não vale mais e em que o hoje já virou um caos muito além da nossa compreensão, reles mortais. Num mundo sem deuses, o poema se revela um archote interessante, e o Poeta de Gaveta uma vereda possível.*

*Parabéns aos organizadores, aos poetas e boa leitura a todos!*

**Oziris Borges Filho**

**Ana Carolina Sanches Borges**

---

**Oziris Borges Filho** – Doutor em Letras e professor de Teoria da Literatura na UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro. Bolsista PET.

**Ana Carolina Sanches Borges** – Mestre em Letras, professora de Literatura Brasileira na UFTM – Universidade Federal do Triângulo Mineiro.

# sumário

- 11 » **O vício** / *Fernanda Kimie T. Mishima*
- 12 » **Paradoxo** / *Fernanda Kimie T. Mishima*
- 14 » **Caminhos da razão...** / *Maria Cristiane Barbosa Galvão*
- 17 » **Discretinho** / *Maria Cristiane Barbosa Galvão*
- 18 » **Autoria** / *Fábio Scorsolini Comin*
- 20 » **Doce fuligem** / *Estevan Eltink*
- 22 » **Passagem** / *Paulo Henrique da Silva Lopes*
- 25 » **Trato de novo** / *Paulo Henrique da Silva Lopes*
- 27 » **Interpretação alheia** / *Macuna*
- 29 » **Estrada fria** / *Adilson R. Gonçalves*
- 31 » **Caminho** / *Vânia de Oliveira Alves*
- 32 » **Vidraça partida** / *Humberto Felipe da Silva*
- 35 » **Digressão** / *André Prado*
- 37 » **Begônia** / *João Paulo Ziotti Narita*
- 38 » **Sobre folhas e vidas** / *Felipe Carvalho*
- 49 » **A fazenda** / *Ana Paula Magalhães Borges Battel*
- 50 » **Sangue** / *Priscilla Siqueira Melo*
- 52 » **Luzeiro na serra** / *F.V.*
- 55 » **O vaga-lume e o avião** / *Álvaro Coimbra Simões*
- 57 » **D.N.A.** / *Marcelo Assumpção*



- 58 » **O fundamento de viver** / *Douglas Farias Cordeiro*
- 61 » **Tocar** / *Rodrigo Berté*
- 63 » **Arquivo em branco** / *João Pedro Teixeira*
- 64 » **Poema guardado na gaveta** / *Rosante*
- 66 » **Promessas** / *Cleiton Lázaro Fazolo de Assis*
- 68 » **Móbile sonoro** / *Máira Malluf*
- 71 » **Fim de tarde** / *Máira Malluf*
- 73 » **As valiosas lições...** / *Patrik de Oliveira Aprígio*
- 75 » **Platonismo clássico** / *Luke Diaz*
- 77 » **Caminhando** / *Ciro Julio Cellulare*



# o vício

*Fernanda Kimie T. Mishima*

O vício do beijo, do cigarro, da preguiça.  
Que vem como coceira e não para de coçar.  
O vício do cigarro, da bebida,  
Que vem quando cansados estamos do vício de viver.  
Viver, pouco me vicia, muito me sufoca.  
Dormir, vício que não largo por ter medo da luz.  
Morte, vício que me persegue e me consome a cada dia.  
Ser, esse foi o primeiro vício que consegui largar,  
Que abandonei para ter outros vícios mais fáceis de viciar.  
Chorar, o vício que jamais tive,  
Pela sua demora em me atingir.  
Dor, o vício que me consome mais rápido  
Que as cinzas de um cigarro aceso ao vento.  
Dor, isso é vício duro de largar.  
Ele vem para amenizar o vício de viver.

# paradoxo

*Fernanda Kimie T. Mishima*

Silêncio à noite. Barulho de manhã.  
Acordo para viver. Vivo para acordar.  
Um dia após o outro. Após outro mais um dia.  
Tanta coisa a fazer. Tanta coisa a deixar de ser feita.  
Tantas palavras. Tanto silêncio.  
Tanta vontade de buscar novos conhecimentos.  
/ Tanta timidez e medo.  
Tantos amigos. Tanta solidão.  
A vida social se desenrola como mágica. O enclausuramento  
/ vem com grande aconchego.  
Muitos olhares. Cegueira.  
As vozes conversam contigo. As vozes se calam.  
O ouvido escuta os problemas. O ouvido adormece,  
/ com medo de acordar.  
O beijo. O asco.  
O abraço. O empurrão.  
O amor. O nada.  
A namorada. A vida solteira.  
A idade que vem chegando. O tempo que não passou.  
A festa para dançar. A cama para dormir.  
Olhos abertos. Olhos fechados.  
Mãos dadas. Mãos duras e fechadas.

Sorriso. Marasmo.  
Lágrimas. Poço seco.  
Gargalhadas. Boca fechada.  
Vida. Não-vida.  
Morte. Nada.  
E assim as coisas passam. E assim as coisas voltam para trás.  
E assim vou levando. Muitas vezes não querendo levar nada.  
Assim sou. Ou quase não sou.  
E nesse paradoxo ainda acho que encontrarei a  
/ resposta (ou o caminho) certa.  
E até acredito que haja uma certeza que não seja duvidosa.  
No mínimo poderia haver uma dúvida que fosse certa.

*Fernanda Kimie T. Mishima*

F – FFCLRP • "Minhas produções já foram usadas por amigos e colegas de profissão como epígrafes em trabalhos científicos, como Mestrado e Doutorado. Já apresentei poemas em saraus e no Pândegos da Filô, contudo, não tenho nenhuma publicação em livros."

# caminhos da razão...

*Maria Cristiane Barbosa Galvão*

Na correria,  
saiu sem calcinha  
caiu pela rua  
revelando nua  
sua escravidão  
em prol da  
Senhora  
Sinistra  
Produtividade  
Acadêmica.  
Seguiu sem jeito  
sem identidade  
sem bondade  
sem maldade.  
Chegou à reunião  
cumprindo  
seu plácido papel  
de não reclamar.  
E assim foram  
dias  
noites  
anos...  
Noites, sem amor  
sem sexo fugaz  
só cobertorzinho  
pra abraçar.

Nos dias, filhos não teve  
para seu tempo  
poupar.  
Ao longo dos anos,  
*Lattes*, sempre ajeitadinho  
para competência  
explicitar.  
Ai da professorinha,  
pelos caminhos da razão  
no Brasil  
com sua inteligência  
a navegar.

*Maria Cristiane Barbosa Galvão*

D – FMRP • "Os versos aqui deixados são inspirados pelas  
pessoas que fazem parte do meu cotidiano, sejam elas co-  
nhecidas, ou desconhecidas por mim."

*mgalvao@usp.br*





# discretinho

*Maria Cristiane Barbosa Galvão*

Teu despertar silencioso  
Tuas mãos começam me afagar  
Respiração de mansinho em minha nuca  
Sinto teu calor a mim chegar  
Adoro me fingir dormindo  
Para que lutes sem cessar  
Vem amorzinho discretinho  
invadindo sem licença meus caminhos  
Tão bom sentir tua bravura  
instintiva, cálida, doce, dura  
Rendo-me feliz a este destino  
de ser tua conquista nas manhãs  
E quão alegre é compartilhar contigo  
um pouco de ti, no meu corpo,  
a mergulhar  
Meus sorrisos estrondosos, absorvo  
Os demais não podem escutar  
Vem amorzinho de mansinho  
Vem amorzinho discretinho  
Deixe tudo que possas  
em mim deixar.

# autoria

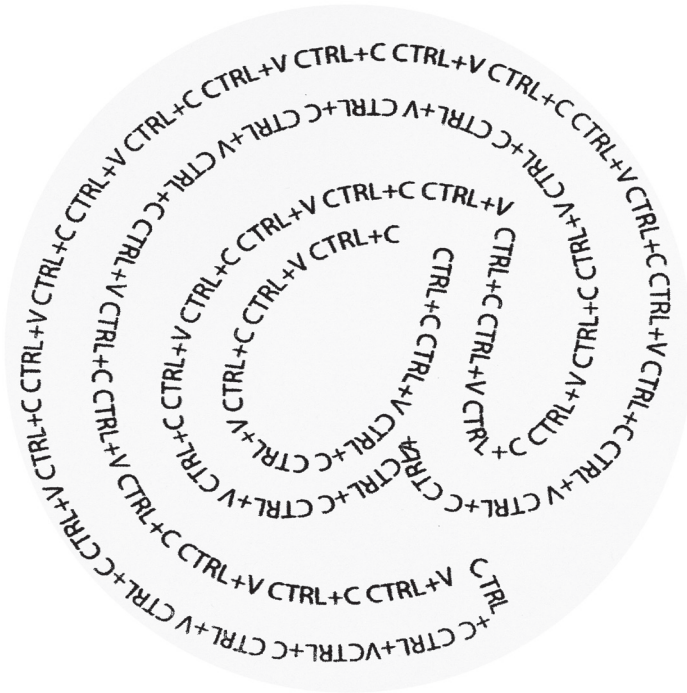
*Fábio Scorsolini Comin*

*“O artista utiliza a palavra para trabalhar o mundo, e para tanto a palavra deve ser superada de forma iminente, para tornar-se expressão do mundo dos outros e expressão da relação de um autor com esse mundo.”*

*(Mikhail M. Bakhtin, Estética da Criação Verbal, 1997).*

*Fábio Scorsolini Comin*

Doutorado/Psicologia – FFCLRP • “O Poeta de Gaveta é um projeto que dá ânimo a novos e velhos escritores. Participo todos os anos como um exercício ou um exame para ver a quantas anda a nossa alma de poeta.”



Salvar-se como?

# doce fuligem

*Estevan Eltink*

Corta  
Corta a cana  
Corta a torta cana  
Corta com a vida de vidro  
Corta a cana com inchaço social  
Corta um sonhador numa estrada vicinal

Quero ser gigante  
Apague minha terra  
Quero a alma limpa  
Sem a ânsia visceral  
Perfeita em substância preta  
Volto logo meu senhor  
Volto logo meu amor

Sopra cana, só pra pinga  
Só pra máquina moenda  
Só pra sátira da vida  
É o corte do facão  
É a cura da ferida  
É o sumo do feijão  
Corta ali de novo

O caldeirão vai derramar  
O mosto sujo no meu povo  
A combustão de uma cidade  
De uma sobra Severina  
Onde queima a palha seca  
Nem deveras suas peles  
Que alucina sem futuro  
De uma gente com fuligem  
Onde tudo é só garapa  
Onde todos sentem sede  
Onde a vida falta doce  
E a cana-de-açúcar é uma sina.  
Queime vida

*Estevan Eltink*

Doutorado/Biologia Comparada –FFCLRP • "A poesia é tentativa. Escrevo porque o dia pede, a noite também."

# passagem

*Paulo Henrique da Silva Lopes*

Vejo em minhas faces  
Pessoas que passaram por minhas fases  
Um susto,  
O prazer,  
Um gole d'água.

Como quem deixa partes,  
Inteira-se a todo restante que sobra,  
Soma pedaços que se misturam  
Na ausência de fronteiras.

Uma maneira de sorrir da piada,  
A piada que causará o sorriso,  
Quantos dentes serão expostos...

Deixo partir,  
Mas não permito que me partam.  
A construção é uma via de quatro mãos.

Primeiro,  
A apresentação.  
Evidencia-se aquilo que supõe que agradará o próximo.  
Aos poucos a máscara recebe adornos,  
Translúcida com o tempo,  
Na medida do que se apresenta  
E do que o outro interpreta do momento...

Depois,  
A identificação.  
Estabelecida estribeira do estado,  
Do contato julgamos o próprio contexto:  
O que agrada fica,

O que não é nada  
Manda embora sem ressentimentos e  
Vai embora com gratidão.  
Ao passo do que se mantém,  
Além de caminhar junto,  
Também compartilha faces.

Por conseguinte,  
A construção.  
Sistemas e sintomas compartilhados  
Provocam crescimentos catalisados.  
A cura e a pura costura da mão que se segura  
Fazem voar às alturas  
E enxergar de cima  
Aquilo que nunca teria sido visto de baixo.  
A criação das asas,  
A lição do voo,  
E junto vou voando, junto.

Por final,  
A separação.  
Vai-te!  
Segues teu caminho!  
Já temos asas,  
E sabemos voar alto,  
Não há mais a necessidade de mãos dadas,  
Somente a vontade...  
Que Quando ao lado  
Voemos cada vez mais alto  
Ao ponto que se um cair,  
O outro segure,  
Se o outro subir,  
Algum se motive.  
Mas que o quando esteja presente,  
Pois só temos duas mãos,  
E também precisamos segurar  
Os outros que aparecem ao voo...

# trato de novo

*Paulo Henrique da Silva Lopes*

Certa,  
A incerteza  
Paira nesta brisa inconstante  
Que sopra os retratos sobre a estante.  
Para!  
E agora o que visa a meta  
É aquilo que se mete a matar  
De dor  
O que já se conhece  
E se reconhece  
Incapaz  
De mudança!

Incerta,  
A certa necessidade de encontrar um motivo  
Como se todas as motivações  
Fossem ações sinônimas de uma resposta.  
A oposta voracidade que se pensa autônoma,  
Na verdade busca rostos  
Que caibam em uma futura moldura...  
E então,  
Como são,  
Ou se foram,  
Inertes por detrás de seus vidros,  
A poeira se encarrega



De ser trazida  
E carregar o que de bom  
Passou  
E o que de normal  
Tal como qual  
Não ficou...

Nem voltará mais.  
Jamais...

*Paulo Henrique da Silva Lopes*

A – Ciências Biológicas – FFCLRP • "A minha necessidade literária condiz primeiramente à necessidade de tradução e autoconhecimento, enquanto poeta. O lado artista se manifesta com a divulgação dos textos na Internet e, recentemente, com um livro de poemas em processo de publicação independente, chamado "Espelho-me."

[www.omundopeaga.blogspot.com](http://www.omundopeaga.blogspot.com)



# interpretação alheia

*Macuna*

A vista de um apartamento é como a verdade e seus pontos de vista.

O condomínio em si é sempre o mesmo e o que muda é a vista de cada pessoa em suas sacadas.

O condomínio é a verdade e a paisagem de cada sacada é apenas um ponto de vista em relação à realidade.

*Macuna*

A - Licenciatura em Química/FFCLRP • "Tive uma participação no livro Poeta de Gaveta vol. 16, e ainda que discreta, com apenas um poema, me empenhei em criar mais obras que pudessem compor o próximo livro."



# estrada fria

*Adilson R. Gonçalves*

Ando descalço de convicções  
em busca imaginária do saber.  
Aconteço pobremente.

O horizonte iluminado à frente  
direciona mas não responde.  
Ouvidos atentos estão vazios.

Volto-me às decepções,  
no dia a dia fico com o fazer,  
abandono-me amargamente.

Latejam a têtpora e a mente  
em local exato não sei onde.  
Correm-me gélicos rios.

Um fim para as emoções  
é o que poderá acontecer,  
se não insurgir-me docemente.

Devolvo paixões de repente.  
A nada o que faço corresponde...  
Calaram-se meus brios.

*Adilson R. Gonçalves*

D – EEL • "Poemas e contos publicados em antologias. Membro da Academia Literária em Piracicaba e Lorena. Participou do Poeta de Gaveta 14 e 15."

<http://priadi.blog.uol.com.br>



# caminho

*Vânia de Oliveira Alves*

Nunca quis permanecer  
na esperança da verdade;  
quis somente entender  
o que pensa a sociedade.

Nesta busca tão incerta,  
pesquisando a realidade,  
iludi-me, porta aberta,  
rumo à grande falsidade.

Se eu soubesse que a vida  
é um caminho tão singelo,  
mudaria minha lida,

dolorida, de flagelo;  
novo ponto de partida  
na vivência do que é belo.

*Vânia de Oliveira Alves*

A – Engenharia Industrial Química/EEL • “Embora não possua obras publicadas, cultivo o hábito de escrever relatos sobre o cotidiano e algumas poesias na forma de soneto, pois admiro bastante a sonoridade dos versos assim construídos.”

*vaniaoliv\_cpv@yahoo.com.br*

# vidraça partida

*Humberto Felipe da Silva*

Ouvi a miséria.  
Senti náuseas e dor.  
Meus pés falharam  
Sob as lâmpadas  
Coloridas.  
O chão aberto  
Mostrava suas entranhas  
Revolvidas.  
A água negra  
Escorria  
Manchando a mente  
Do ouvinte.  
Um grito ao fundo.  
A dor  
Da perda  
doida.  
Os raios  
Fediam a latrina.  
Tortuosas,  
As casas  
Moviam a sarjeta  
Sinuosa  
Morro acima,  
Até a praça ou esquina.  
As barrigas de lombriga  
Redondas  
Corriam.  
A pelota na frente  
Atrás, um monte de perninhas.



Pelota de pano  
Fétida  
Lodosa  
Birrenta  
Aziaga.  
A rua  
Estádio,  
Repleta,  
Fervia de carapinhas.  
Bola em roda  
Feliz  
Rodopiando aos artelhos desnudos.  
Um pé  
Mais velho  
De repente a fulmina em seta  
Ao meio das traves  
Mero par de havaianas.  
A doida  
Serpente  
Se revolta.  
Da pedra, tira só uma lasquinha.  
Em sinuca resvala.  
Foge à rota  
Insinua-se.  
Amalgamada à vidraça.  
Rompe o lacre,  
Escancara  
O interior da baiúca.

*Humberto Felipe da Silva*

D – EEL • “Autor não mais inédito, continua escrevendo para extravasar sentimentos. Depois de publicar no Poeta de Gaveia, um pouco mais atrevido.”

*heuphilhodineis.blogspot.com*



# digressão

*André Prado*

Suco concentrado de mar azul  
Doce olor das rosáceas  
A cria o anverso que entorna  
O verso da nesga do universo  
No viés a macular o tredo desenlace  
Em forma de cristais de águas e rubis  
O salitre adocicado de um beijo agridoce  
A trazer quimeras da mortandade  
Junto às encenações dos teatros gregos  
Em uma incurável saúde outonal  
A apetecer o dueto orbital  
Com um bocejar insone e insolente  
A estremecer no dorso a algia  
Desse ultrapassado ritual antanho  
Surge a necessidade de ficar são  
Para recuperar a turva insanidade

*André Prado*

F – EEL • “Amante da poesia e participante de antologias poéticas para expressar os sentimentos através das letras.”  
*prado@debiq.eel.usp.br*



# begônia

*João Paulo Ziotti Narita*

A bela  
Begônia  
Embeleza  
O ambiente.  
Buscando  
A beleza,  
Fica bem atraente.

Brotando  
A esperança.  
Esbanjando  
Esta beldade  
Do berço ao poente.

Benéfica,  
Beira  
A bela  
Begônia,  
Um beco  
Composto,  
Um mar de sonhos,  
Que vem em minha mente.

*João Paulo Ziotti Narita*

A – Engenharia Agrônômica/ ESALQ • “Nunca publiquei e nem participei em atividades literárias, embora escrevo há algum tempo.”

*Jp\_ziotti2@hotmail.com*

# sobre folhas e vidas

*Felipe Carvalho*

A floresta respirava calmamente. Perante os olhos do garoto, as folhas, escondidas nas sombras, balançavam em um único vai e vem tranquilo, e lhe pareciam pequenos serezinhos cochilando, levitando infantilmente sobre o solo. Era noite, e o som dos carros passando na estrada não penetrava na mata, permitindo um ouvir agradável dos vários tons e cantos e zumbidos e farfalhas sutis. Mesmo a viagem de um caminhão dos maiores é ouvida apenas com um ruído suave, como o de uma onda distante quebrando na praia. O córrego que cruza a mata também borbulhava suas notas de lépidos rodamosinhos, somando-se ao coro de músicos invisíveis. O luar e as esparsas luzes urbanas iluminavam o caminho em que o garoto seguia.

Naquela mata, havia sempre uma agradável umidade no ar, não só decorrente das recentes chuvas ou da presença do rio, mas também do próprio ambiente aconchegante e arborizado. Apenas isso tornava o lugar, durante o dia, digno da visita de qualquer habitante das redondezas, acostumado a sofrer cotidiana e torridamente o calor seco da cidade. A visita geralmente passeava um pouco pela trilha. Parava para admirar o rio – que cheirava bem, apesar dos venenos que trazia dos campos – e descansar ao pé de sua árvore preferida ou sobre uma rocha aquecida pelo sol, na beira d'água. Às vezes cochilava, às vezes observava algum animal das matas perambulando, procurando por comida ou companheiros, e às vezes devaneava pensando nas miríades de folhas que podia ver, ou nas outras tantas do livro que levava para ler.

Mesmo com o rio poluído e triste, recoberto vez ou outra por estranhas bolhas, a floresta ainda mantinha a pureza estética e a saúde típica de seus próprios processos curativos. Muitos dos animais que cativavam a simpatia dos vizinhos da mata lá faziam seus ninhos e conviviam em paz – bugios, ca-

langos, pica-paus, gambazinhos, sapos-cururus, seriemas... Todos vivendo juntos de alguns outros tantos de gatos e cachorros vadios, fugidos de seus donos, desbravadores da nova vida a que se re-acostumavam. E borboletas também, claro. Muitas borboletas, de diversos tons e cores e tamanhos, geralmente vindo saudar logo cedo os visitantes – eram elas as anfitriãs da mata.

A floresta ainda era habitada por muitos outros espíritos. Espíritos sutis, que já ganharam mais atenção no imaginário e nas estórias dos povos de outros tempos e matas. Hoje se escondiam lá, refúgio adequado a este tipo de seres. Vale dizer que, para qualquer mata, não basta beleza e tamanho, quando se pretende a receber seres como estes – mas interessa sim a sua fartura de sombras, e o medo e as ilusões que com elas a floresta é capaz de incutir num eventual visitante noturno. Segundo se contava, os espíritos adoravam pregar peças, durante a noite, ou brincar, durante o dia – por vezes até se fazendo de pássaros e borboletas.

Mas estes seres, vindos de muitas regiões, migrados de outras matas, e de tantas outras árvores queimadas ou transformadas em mobília e carvão... Tinham se tornado, de certa forma, tímidos. Passaram a se mostrar muito pouco aos olhos humanos – talvez os olhos que mais necessitassem e mais se admirariam por vê-los, infelizmente. E à noite, quando dariam sustos de bom grado, os visitantes não vinham mais. Ao menos, era assim na maior parte das vezes.

Escondidos em meio às sombras, entoando seus cantos – que ao visitante soariam como folhas recitando ao vento uma canção de ninar – estes espíritos lembram-se muito bem dos dias em que suas matas foram arrasadas, tendo eles de partir a procura de novos lares. Dias tão recentes para eles quanto o pôr-do-sol que o garoto observou a pouco, naquela tarde.

O garoto sempre utilizava o caminho pelos bosques na volta para casa. Poupava o desvio por muitas ruas, e nunca soube de nenhum assalto ou assassinato por aqueles lados – ao contrário, claro, das muitas histórias que sempre soube ocorrer nas ruas. Além disso, agradava-lhe demais o passeio, ver as árvores, o rio, ouvir a mata e se proteger do calor e da seca no ar. Costumava passar por lá sempre cerca de meia hora antes do pôr-do-sol, ao fim do dia de

trabalho. Porém naquele dia ele se atrasou um bom tanto, conversando com alguns colegas de serviço. De modo que quando desceu no ponto de ônibus à beira da mata, já era noite.

Hesitou um pouco, ponderou. E seguiu pela mata. Afinal, conhecia já o caminho muito bem, e sempre teve por certo que por ali, a qualquer hora, estaria muito mais seguro que atravessando o bairro vizinho – ainda mais àquelas horas. Havia um luar muito forte naquela noite, que iluminava o caminho aonde as luzes da estrada e dos bairros vizinhos não chegavam. A trilha era larga e bem perceptível – ou seja, o garoto imaginou que a única coisa que teria de suportar seria mesmo sua imaginação, cobiçada pelas sombras.

Porém os espíritos das matas já há muito tempo vinham observando o garoto, que cruzava por ali quase todos os dias. Algumas vezes ele descansava junto ao rio, noutras vinha lendo alguma coisa interessante, ou mesmo vinha estressado com o trabalho e se acalmava caminhando no bosque. Outras vezes vinha com a cabeça nas nuvens, pensando em algo ou alguém. Em certas vezes vinha até chorando – sua vida também lhe erguendo seus problemas. Vinha sempre sozinho, o que permitia aos espíritos verem os pensamentos mais próprios e mais espontâneos que ele cultivava – pensamentos muito nobres, geralmente. Os espíritos ficaram também sabendo de seus temores, seus sonhos, suas dores, suas derrotas. Tinham tido tempo suficiente para conhecê-lo, julgá-lo, e, alguns, admirá-lo. De forma que não viam nele alguém em quem apenas pregar um belo susto – por mais que o desejassem. Sabiam que, neste caso, valeria tentar mandar uma mensagem mais séria, uma comunicação mais madura. Torciam para que o garoto fosse capaz de recebê-la adequadamente. Afinal, de muito mais do que simples brincadeiras viviam estes espíritos.

Naquela noite o garoto seguiu a trilha, chegando logo ao córrego. O rio ajudou-lhe a se manter tranqüilo, afastando as ilusões e medos com que olhava as sombras. Sabia mesmo antes de entrar na mata que aqueles temores viriam – “naturais” para qualquer humano dos tempos modernos, desacostumados tanto das matas quanto das noites com escuridão.

A luz forte da lua cheia refletia nas águas de maneira única, projetando clarões pálidos na mata, vacilantes. Vistos com atenção, pareciam esconder



milhões de seres a dançarem pelas árvores, ágeis e silenciosos. O garoto contemplou a cena, descansou o espírito, e estava prestes a se levantar quando ouviu algo ao seu lado.

Algum inseto grande deveria estar pousado na planta ao lado. Era um canto contínuo, forte, grave e vibrante. O inseto deveria ser bem grande, intuía o garoto, não apenas pelo volume com que o som era projetado, mas também pela maneira com que a planta se movia, ressoando. Mas havia algo no som – e talvez no possível inseto – que não lhe parecia normal. Tinha a impressão que o canto era para os seus ouvidos – apenas para seus ouvidos. Tinha algo de tão intencional quanto um segredo cochichado ao pé do ouvido.

Ele fitou a escuridão por um momento, e uma sensação nova brotou em si, um medo curioso. "Será que algo, alguém, está 'falando' comigo?" No mesmo instante o som parou, e ele ouviu um ruído no alto. Ainda antes que pudesse reagir, algo caiu bem à sua frente, ruidosamente, um galho ou um fruto, por pouco não o acertando.

"Se é alguém, devo estar incomodando, tudo bem, vou embora." Pensou consigo, enquanto imediatamente se levantava, apressado. Voltou a seguir a trilha, porém alguns passos adiante algo mais lhe chamou atenção.

Junto da próxima curva, visível parcialmente através das plantas, uma claridade dourada parecia chegar à mata. Talvez alguma luz da cidade, atravessando lateralmente as copas das árvores, tenha conseguido alcançar, solitária, aquele ermo. Mas, passando por ela, o garoto viu que não. Era aquele lugar que, estranhamente, parecia se iluminar. A claridade de tons dourados lhe permitia ver claramente um pequeno arbusto, denso, de grandes folhas largas em forma de coração. O garoto aproximou-se, olhou por um momento, e ia a tocar o arbusto quando este, mágica e docemente se mexeu, afastando-se carinhosamente de seus dedos impressionados. Pode ver, dentro das folhas do arbusto, um rosto, humano, sério. Um olhar apenas foi necessário para que o garoto captasse todos os detalhes. O rosto tinha uma barba espessa e cor ocre esverdeada, mesclando-se às folhas do arbusto. Grandes vazios onde estariam os olhos, de onde a própria escuridão parecia enxergar. O rosto se mexia e braços pareciam se erguer da moita em direção ao jovem. Mas não era uma

atitude hostil. A entidade parecia mais estar vindo ao seu encontro, como que um amigo a cumprimentá-lo.

Porém o garoto não esperou, não pensou, não hesitou, e seguiu apressado pela trilha, quase a correr. Olhando para trás ainda via a luminosidade sobrenatural na planta. Tremia, estupefato com o que lhe passara. Seus pés apressavam-se sozinhos, pois ele não estava em condições de comandá-los o suficiente para uma corrida pela mata. Sentiu que algo por muito tempo escondido em seu ser o impelia a chorar.

Na manhã seguinte o garoto não foi ao trabalho. Acordou cedo, mas ficou um longo tempo deitado na cama, pensando. Chegou a sua casa na noite anterior segurando o espírito em frangalhos e, alegando que não queria jantar, tomou um banho e forçou-se a dormir – para sonhar a noite inteira com aquela figura, fitando-o. Não era um olhar maligno. Lembrou-lhe o olhar de um ancião, como seu avô, a contar histórias importantes de sua vida. Um olhar sério, e também amável, respeitoso. A expressão como de quem ensina algo vital... "Escuta, e ouve teus irmãos."

Sentia-se, paradoxalmente, muito bem disposto, por mais que a imagem que o acompanhou pela noite o tenha enchido de dúvidas e temores. Manteve-se na cama, e seus pensamentos e emoções da manhã logo se misturaram aos sustos e temores da noite. Por fim controlou-se e súbito tomou a decisão de, antes de mais nada, voltar à mata.

Chegou à trilha, onde a iluminação matinal trazia outros tons à cena. A luz solar enchia a mata de vida àquela hora, e tornava a temperatura muito agradável. Na entrada da mata, o rapaz fez uma reverência desengonçada, como quem entra na casa de alguém respeitosamente, mas não sabendo como tratar o dono. Caminhou mantendo a calma até o ponto onde acreditava ter visto o arbusto reluzente. Encontrou-o, embora não brilhasse. Denso e fechado, as folhas largas em forma de coração a fitá-lo. Fitou de volta por um longo momento, imaginando se algo aconteceria espontaneamente. Até que decidiu tocá-lo.

O arbusto, desta vez, não se mexeu, comportando-se como um arbusto comum. Receosamente o garoto afastou suas folhas, e, para sua surpresa, não viu rosto algum. Viu, ao contrário, alguns frutos ovalados, de cor roxa e aparência suculenta, em pequenos cachos pendentes dos ramos. Pegou um, que se destacou da planta, e observou-o. "A noite poderia se passar por um olho..." pensou, se lembrando que a face que vira não tinha olhos.

Rasgou levemente o fruto com a unha, revelando um interior branco e cheio de líquido. Cheirou, e lhe pareceu agradável. A sensação adocicada no tato e no olfato foi demais convidativa. Sem pensar – e talvez nada mais acontecer se houvesse pensado – engoliu o fruto.

Quando abriu os olhos novamente, pode ver a Lua cheia. Viu as copas das árvores junto à Lua. Sentiu seu corpo acordar, com algumas dores nos ombros e na região lombar. E se deu conta de que era noite, e de que estava deitado no chão da mata, no meio da trilha, diante do arbusto de folhas em forma de coração. Sentou-se.

Mas desta vez o arbusto não reluzia. E logo percebeu que não via tampouco as luzes da cidade por entre as copas. Permeando a escuridão, havia apenas a claridade da Lua, tingindo a floresta de prateado, e de alguma forma muito mais envolvente do que na noite anterior.

E ele sentiu a floresta respirando. O vento sussurrava-lhe canções. Abrindo os olhos mais atentamente, viu que o arbusto reluzia sim, mas uma tênue luz azulada e dançante. E as outras plantas ao redor também. E logo percebeu pequenos facho de luz azulada e prateada dançando na trilha e por entre as plantas, voando calmamente ou correndo alegremente no solo. E, levantando-se, viu que as árvores próximas emitiam luzes brancas, sutis. E no alto das copas luzes douradas e esverdeadas dançavam entre as árvores, e também desciam ao solo. E todas estas luzes também passavam bem próximas do garoto, que de tão admirado custou a perceber que também sentia medo, mas um medo pleno e saudável, vivo, que o colocava cada vez mais desperto. Sentia-se entre amigos, e seu corpo lhe dizia que eram amigos de longa data, como aqueles que a muito não vimos.

Olhou para o próprio corpo, e viu que suas mãos ressoavam as canções da mata e delas emanava uma própria luz azulada e sutil. E, sentindo um novo calor em seu peito, percebeu que uma luz avermelhada transparecia-lhe pela roupa, e tingia-lhe a pele, e logo se emanava pelas mãos e pelo ar junto aos outros tons. Ouvia sons na mata, e olhando na direção deles, a claridade deste luar místico logo deu lugar a outras luzes de tom avermelhado forte, que com braços e pernas subiam pelas árvores, e que com asas voavam pelas copas, e que com rostos tímidos o fitavam em olhares de duplos pontos de dourado brilhante. Também viu outros seres de tom roxo-escuro, que se aproximavam pelo chão, hominióides erguidos em pequeninas pernas e passando pelos arbustos, não chegando talvez nem a meio metro de altura. Esses homenzinhos observavam o garoto, alguns no que pareciam sorrir, outros no que pareciam rosnar.

E muitas canções pareciam se unir naquilo que ouvia. A canção resultante lhe mostrava, sem que ele pudesse explicar como, que aquele lugar tinha sua própria alma, e suas muitas almas. Que todas viviam bem, apesar de apenas um pequeno punhado dos milhares de seres que já existiram por aquelas terras. Que viviam em uma harmonia que o rapaz em sua mente não seria capaz nunca de conceber e entender, mas que de fato acontecia, e que seu corpo reconhecia e, cheio de felicidade, agradecia. Que aquela comunidade, aquela vida, tratava sempre com respeito seus irmãos – mesmo e principalmente enquanto tivessem de competir, de se alimentar, de se entristecer.

A canção então mudou de tom, e lhe lembrou da sua humanidade e de seu povo, e de tudo que vinham praticando perante as matas. À mente do garoto vieram imagens de tratores, fábricas, minerações, serrarias, chaminés e caminhões. Árvores sendo marcadas, derrubadas, processadas, escritas e lidas sem que fossem vistas. Ele fechou os olhos, sentindo-se mal, pedindo que a canção voltasse a lhe mostrar a harmonia de antes. As imagens cessaram.

Ele abriu novamente os olhos, e, de frente dele, junto às miríades de cores que o saudavam ao redor, estava uma figura alta, reluzente de um avermelhado-dourado fogo, com o porte de um humano alto e forte. Acostumando-se melhor à claridade daquela entidade, pode ver o mesmo rosto da noite anterior, fitando-o sem olhos, a pele cor de ocre reluzindo, e a barba grossa dançando como fogo junto a toda a harmonia restante. O garoto fitou aquela

entidade com o mesmo medo com que uma criança travessa olha para o diretor da escola, encolhendo-se. A entidade se aproximou, e estendeu um braço, tocando-o. Mostrando que irmão não deve temer irmão. Seu corpo esquentou-se, e ele aprumou-se, sentindo-se mais corajoso e capaz. Fitou de volta aquele ser no vazio de seu olhar, e após um longo momento, subitamente vieram-lhe a mente milhões de acontecimentos.

Viu pessoas caçando, rezando e cantando, e viu pessoas felizes, festejando, viajando e contando estórias ao lado de fogueiras. Viu também pessoas tristes, viu amantes traídos, viu emoções duras ressoarem em mortes. Viu estas imagens correrem de forma demorada, pausada, com anciões indígenas contando calmamente às crianças os nomes de todas as estrelas e todas as histórias de seus ancestrais. E então, depois de longos instantes, viu pessoas guerreando, discutindo e negociando. Viu trocas comerciais, e trabalho forçado, e grandes construções e pessoas obedientes e pessoas gananciosas. Viu a história de muitos povos, e viu então a história do homem branco, seu povo, uma história correndo apressada contra o tempo que ela havia inventado, dominando a todas as outras, sujeitando a tudo e a todos, enganando-os, derrotando-os, escravizando-os e viciando-os. Viu as cidades erguendo-se, e crescendo, e florestas dando lugar à plantações que se estendiam cada vez mais, precedidas por um rastro de fogo vil. Viu a era das máquinas surgindo, indústrias, ferrovias, rodovias e megalópoles mal-cheirosas e ouviu um profundo e gutural grito, o grito de dor do próprio planeta, ecoado a cada barril de petróleo extraído de suas entranhas – um grito que ressoava em todas as matas e em todos os seres e em todos os seus pesadelos.

Viu que toda a comunidade da vida sofria com aquelas histórias, viu que toda a vida buscava viver e lutar da melhor forma possível contra a tirania que lhes assolava e assolava o planeta, dominando as mentes, de geração após geração, das pessoas de seu povo. Viu as mãos dos brancos dominando proposital e dedicadamente todas as outras formas de vida que pudessem alcançar. Viu como as pessoas de seu povo agora também sofriam com a perda de algo que jamais conheceram, e que não sabem dizer o que é. Que não sabiam dizer sequer que algo lhes falta – e como esta falta lhes é terrível.

A visão lhe mostrou por fim as matas que seu povo por tanto tempo recu-

sou a conceber. As matas que foram amantes, pais, mães, aliadas e inimigas de outros tantos povos, e que agora eram invisíveis para seu povo. As matas e todos os seus seres, e todas suas cores, e todos seus sabores, e, sobretudo, todas suas emoções. Medo, coragem, vitória, dor, perigo, amor. Toda uma gama de experiências que todas as criaturas compartilhavam, juntas. Experiências que agora um único povo humano tenta dedicadamente banir, negligenciar, artificializar, em uma guerra sem tréguas contra a própria capacidade humana de lidar com o mundo.

E o garoto percebeu que fora convidado pelos seres daquela mata a compreender isso tudo. A perceber, num baque surdo, tudo que ocorria em sua volta, tudo que sempre lhe passou pela frente sem que visse, tudo que lhe disseram sem que ouvisse, tudo que sempre viu acontecer, sem lhe ocorrer que acontecia. Tudo que sempre colaborou que morresse – sem dar o valor devido a tudo que é vivo. Percebeu que aqueles seres e aquela mata não o traziam a um momento privilegiado e numinoso – era sim um momento duro e cruel, uma dor que se fazia necessária ouvir. Um apelo, um grito de socorro, uma mão estendida, uma oferta de ajuda. Aqueles seres queriam dizer-lhe algo, a ele e ao resto do seu povo, o povo perdido. Ao povo dos brancos, dos brancos que negam as cores, e que fingem as cores, as cores que não mais podem ver.

*Felipe Carvalho*

A – Ciências Biológicas/ESALQ • "Particpei como colaborador e depois como editor do jornal estudantil 'O Arado'. Também como editor do 'Caderno Ponte 1!'"

*cavalcan@esalq.usp.br*





# a fazenda

*Ana Paula Magalhães Borges Battel*

Da janela da cozinha avisto ao longe o sol nascendo,  
Manhã fria, pão na chapa, café e queijo quente,  
Belas garças voam e os galos cantam alegremente,  
E mais um dia na fazenda assim vivendo.

Cavalo selado a correr pelo gramado,  
Sem destino, sem pressa, sem compromisso,  
Vento na face, sentir a liberdade, agora é passado,  
Tomar leite no curral, comer fruta no quintal, era o paraíso.

O barulho ao longe da cachoeira,  
E a panela na cozinha grita: meio-dia,  
Comida feita no forno a lenha, quanta alegria,  
Mesa posta, mesa farta, família unida, refeição de primeira.

Calor latente, preguiça evidente, sono presente,  
É hora da sesta, deitar na rede e cochilar.  
Goiabada, bananada, pão de queijo e café fervente,  
Fazem parte do lanche da tarde, energia não vai faltar.

O sol dá lugar à lua e no céu as estrelas a brilhar,  
Fogueira ardente em brasa e o violão a tocar.  
E mais um dia assim termina, e mais um dia se inicia,  
Ternas lembranças vividas para sempre guardadas na memória.

*Ana Paula Magalhães Borges Battel*

Mestrado em Entomologia/ESALQ • "Típica poeta de gaveta. Tem o hábito de escrever diários, poesias e cartas desde os sete anos, mas nunca publicou nada. Busca através da escrita a compreensão sobre si mesma e a realidade que a cerca."

*apmb@hotmail.com*

# sangue

*Priscilla Siqueira Melo*

Sangue meu rega terras onde os olhos já apagaram poeira  
E aquece frios ventres um dia de toque cálido-tenro-protetor  
Transfunde-se em artérias — fica  
Fico eu  
Fincam-se a ele  
Sonhos mútuos em anagramas pelo vento...  
Esguicha, bole com a razão  
Mas despenca — santa gravidade  
Alimento compartilhado  
Escambo escarlate  
Híbrido, pois  
Ramificações propagam-se num ritmo hemorrágico  
Como quentes afluentes esticados  
Mas não elásticos  
Rebentos de um músculo elástico

Mas nem tanto!  
O perímetro aumenta  
Leva-me em perspectiva  
Novos rebentos, fragmentos meus  
Mais sangue para não secar  
O coração espreme ritmado  
Rege o tom do silêncio  
Pulso vivo...  
Rubro sangue meu  
Retorna para mim  
Traz-me consigo

# luzeiro na serra

F. V.

Num ponto de vento e pedras,  
os sopros carreavam pensamentos,  
menos os olhares naquele cenário.  
Contávamos estrelas

tímidas, que se escondiam no véu.  
Feito enigmas,  
formas de inconstância impressionante,  
encantos noturnos, almas em canto.  
Ouvíamos o silêncio.

Mas algo nos abraçava, envolvente.  
Deitados, nos cobria brilhante  
um manto prateado vindo dela,  
em todas as direções.  
Nada era escuro, tudo era luminar.

Revestidos de asas imaginárias,  
sentimos o sabor de sermos angélicos.  
Nos sentíamos únicos e amados,  
verdadeiros em essência.  
Poucos sentidos para tanto infinito.

Naquela noite, o indesejável  
foi retornar para o nosso mundo,  
pois ali, naquele palco,  
Éramos vivos.  
Éramos nós.  
Contávamos estrelas.

*F. V.*

Doutorado – Física do Ambiente Agrícola/ESALQ • “Nascido em Belo Horizonte, F. V. é filho e irmão de artistas e poetas. Participou de vários concursos, possuindo influência e apoio de escritores e poetas mineiros e paulistas.”  
*fredvzoo@gmail.com*



# o vaga-lume e o avião

*Álvaro Coimbra Simões*

Esta noite olhei para o céu  
Pensei ter visto um vaga-lume  
Mas era um avião

Aqui não tem mais vaga-lume  
Só tem poluição  
Será que um dia um avião  
Poderá me levar aonde tenha um vaga-lume?

Mas onde o avião chega não tem mais vaga-lume  
Só tem poluição  
O que diria disso hoje  
Nosso compatriota Santos Dumont?

*Álvaro Coimbra Simões*  
F – CENA • Engenheiro Civil, poeta por diversão, músico  
idem.  
[acoimbra@usp.br](mailto:acoimbra@usp.br)





**d.n.a.**

*Marcelo Assumpção*

De que depende  
Porque se prende  
O que se pretende  
De Nada Adianta  
Intrincados segredos  
Guanina Timina  
Adenina Citosina  
O mapa da vida  
Adentrar a ferida  
Aferir a vida  
Onde está a verdade?  
A sequência de pares  
A origem dos males  
Somos todos iguais  
Ínfimos diferenciais  
Adentrou-se profundo  
Origem homem mundo  
Algo então surpreendente  
Inesperado diferente  
Homem original  
Diferente sem igual

# fundamento de viver

*Douglas Farias Cordeiro*

Precisão, fundamento, definição.  
Onde estão os números  
do sentimento que flui da imaginação?  
A vida se escoou pela gaveta,  
perdeu-se nas linhas confusas,  
eruditas, selvagens,  
e se refez em inexatidão.  
É tudo um sonho.  
É tudo coesão.  
Coesão de um infinito vazio,  
que pulsa acelerado,  
que faz suspirar.  
Coesão pragmática de si própria,  
que surge em labirinto,  
e se deixa manipular.

Um teorema complexo e proibido,  
uma guerra de olhares,  
um fugidio sentimento,  
desejo, ódio, encontro e arrependimento.

E no instante perplexo e inconstante,  
de quando tudo o que se desconhece se faz normal,  
a vida, em sua mais pura essência, se torna,  
uma vez mais, vida,  
e a natureza roubada dos passos  
metamorfoseia-se em real.

*Douglas Farias Cordeiro*

Doutorado em Ciência da Computação e Matemática Computacional/ICMC • Selecionado no "I Concurso de Conto, Poesia, Crônica, Monografia e Desenho em Comemoração aos Vinte Anos do Campus Catalão" realizado pela Universidade Federal de Goiás, com a poesia "Vinte Raios do Tempo". Em 2008 selecionado pelo "I Concurso Literário da Universidade de Uberlândia" com a poesia "O Ser Cotidiano", a qual publicada na obra "Experimentando a vida: cotidiano, esperança e sensibilidades". Gosto de me derramar em palavras.



# tocar

*Rodrigo Berté*

É sempre tudo tão pessoal.  
Eu te toco, minha atenção é tua.  
Nada mais existe então, e é isso que chamo infinito.

*Rodrigo Berté*

Mestrado em Física Aplicada/IFSC • "Nunca publiquei nada que escrevi. Escrevo sobre ideias minha. Algumas já divulguei em um blog desde o ano passado."

*berte.rodrigo@hotmail.com*

# arquivo em branco

*João Pedro Teixeira*

Quanta mentira contada;  
Quantos abusos cometidos;  
Muito ódio para nada;  
Sentimentos para sempre feridos.

É muita ação encoberta;  
Muita injustiça calada;  
Contam-se historias incertas;  
E muita verdade é abafada.

Se a lua pudesse dizer;  
O que ela testemunhou;  
Muita gente ia saber;  
De fatos que não se contou.

Quantos subornos são pagos;  
Para não se relatar um fato;  
Casos complicados ficam vagos;  
E o tapete do silêncio cobre mais um ato.

Muitos sofreram violência;  
Outros foram perseguidos;  
Quantos pedidos de clemência;  
Foram ignorados e esquecidos.

Somente Deus e Anjos;  
Podem saber o que aconteceu;  
Em todas as épocas e cantos;  
E indenizar quem sofreu.

*João Pedro Teixeira*

F – EESC • "Escrevo poemas desde 2002, tenho mais de 60 poemas feitos, mas ainda nenhum publicado."

*jpedro@sc.usp.br*

# poema guardado na gaveta

*Edson A. Rosante*

Encontrei em minha gaveta,  
Num pedaço de papel dobrado;  
Reconheci naquela letra,  
Sentimento por mim guardado.

Meio amarelado pelo tempo,  
Num cantinho do meu passado  
Recordações que sopra o vento,  
No momento ali deixado.

Minha vida em outra vida,  
Meu coração em outro dobrado,  
Um lenço branco na partida,  
Com seu nome rabiscado.

Palavras estavam escritas,  
Em minha alma arranhada.  
Fontes de águas cristalinas  
Do meu peito arrancado.

Luz, sem brilho de moça faceira,  
Perfume sem cheiro de jasmim;  
No sorriso de mulher brejeira  
Utopia de sonhos sem fim.

Alinhados cabelos compridos,  
Com pontas voltadas para o céu  
Lábios com contornos antigos,  
Sombras na cútis de favo de mel.



Não me lembro se foi setembro  
Primavera sem flor no verão  
Também não importa o tempo,  
Que o Amor fluiu no coração.

Meu rosto alumiu-se de paz,  
Brilho na luz da esperança  
Mão solta trêmula me traz,  
Suor no rosto de criança.

Seu nome nem me arrisco a dizer  
Ele já está grafado  
Na epígrafe do meu viver,  
Epílogo de soneto cantado.

Queima o amor como Brasa  
Noite escura sem estrela  
Bem-te-vis voando sem asa  
E eu sonhando em vê-la.

Sinto-me velho e menino  
Andando sorrindo na praia  
Assoviando um doce hino,  
À melodia sem harmonia  
Dos meus lábios não saía.

Dobrei o papel em quadrado  
E no mesmo lugar coloquei!  
Suspirei o POEMA achado  
E o Sonho, NA GAVETA fechei!

# promessas

*Cleiton Lázaro Fazolo de Assis*

Esta noite eu parei para admirar luzes no céu  
Sentei ao pé de uma árvore para me perder  
Em pensamentos e em finitas fantasias  
Distante de sua voz e de suas promessas  
Longe o bastante para ser eu mesmo

Meus olhos refletiram o clarão da lua  
Trazendo-me de volta arrependimentos  
Sofri sozinho, suportei sentimentos  
Por acreditar no que parecia ser certo  
Mas o tempo me chama  
E eu não quero dividir idealizações

Perdoe-me por não ter dormido esta noite  
Por não partilhar dos mesmos sonhos  
Perdoe-me pela falta de justificativas  
Eu precisei por um instante ser real  
Não tão bom para ser diferente  
Mas bom o suficiente para não me trair

Eu precisei apreender uma nova perspectiva  
Deixar-me levar pela tranquilidade do vento  
Compondo formas para me livrar dos vícios  
Eu quis me elevar desse plano silencioso  
Atingir altitudes acima das conhecidas  
Sentir-me pronto para reaprender a viver

Perdoe-me por não ter feito o que era possível  
Por chegar tarde e não partilhar de suas escolhas  
Perdoe-me por ser indiferente aos seus pedidos  
Mas acredite, foi realmente preciso  
Buscar o que eu havia perdido  
Para me reencontrar dentro de mim

Perdoe-me, mas eu dispensarei suas promessas  
Dizendo o adeus que só a coragem pode dizer  
Sentirei pelo dito e pelos poemas declamados  
Mas eu nunca estive realmente nesse espaço  
E nada além de nós é tão nítido quanto o fim

*Cleiton Lázaro Fazolo de Assis*  
Doutorado em Engenharia Mecânica/EESC • "Apesar de  
escrever poesias há alguns anos, esta é a minha primeira  
participação em uma atividade literária."  
*fazolocla@hotmail.com*

# móbile sonoro

*Máira Malluf*

C  
H  
O  
V  
E

chuva  
chiando  
choro  
chovendo  
chuvisco  
baixinho

mar  
manobreiro  
mavioso  
mareando

marolando  
manso  
mágico  
marulho

vento  
viajeiro

vai

vem

vai

v a r r e n d o

várzeas

ver

ti

gi

no

so

viravolteando

vai



# fim de tarde

*Máira Malluf*

Manacás salpicados de lilás  
observam calados  
o telhado engolir de mansinho o sol em brasa.  
No céu sobram nuvens cor de rosa e alaranjadas.  
Dois sabiás cantam saudade  
e a rede balança preguiçosa,  
enquanto uma primeira estrela  
teima em querer brilhar ao longe.  
No canto do cenário,  
o vento brinca alheio às cores  
embaraçando longos cabelos castanhos,  
espalhando folhas pelo chão  
e flores pela vida.

*Máira Malluf*

A – Engenharia Aeronáutica/EESC • “Tudo o que me encanta ou faz refletir serve de matéria para a poesia. A maior parte continua na gaveta.”





# as valiosas lições de número 1 e 2 de hедера helix

*Patrik de Oliveira Aprígio*

O Prazer de ir-se ébrio na bicicleta...  
Que sentisse indiviso puro sem Setas  
Sem esses recursos escusos manjados!

Vento o tempo ameno o rosto rubro  
Alcoólico amnésico o mistério  
Revela-se. Renasce o sol o tédio.

Clareia... Paro, um trago  
Ao escárnio fraterno de minha  
Hera cresce morre cresce Hera.



# platonismo clássico

*Luke Diaz*

o amor inatingível  
torna o coração sujo  
sem o sentimento cujo  
dormente  
órgão sente  
é ferida aberta  
também  
doença incerta  
que tem  
no ápice  
lenta dor  
dizia-se:  
para compor  
a perfeição semântica  
na canção, do amor,  
romântica

*Luke Diaz*

Mestrado em Engenharia de Produção Mecânica/EESC • Escritor desde os 15 anos. Possui dois romances inéditos. Participou da Antologia de Contos do Ideal Clube (Conto: Sentir Muito ), 2003; e da Antologia de Crônicas do Prêmio Unifor de Literatura, 2010 (Universidade de Fortaleza). Possui publicação em jornais de circulação estadual.



# caminhando

*Ciro Julio Cellulare*

Ao entardecer  
Quando ando em passos sossegados  
Penso em Deus  
Vejo minh'alma na do próximo  
Fatigado, entediado  
Em pisadas apressadas, conturbadas  
No íntimo querendo chegar...  
Cada qual em sua calma  
Cada alma em seu lugar  
Ainda que fosse ao derradeiro final  
Mesmo assim não seria a pressa  
A solução da chegada  
Pois a alma na busca da felicidade  
Foge da opressão  
E só conheceremos a ventura  
Quando a consciência vier à tona  
De que caminhamos e nos expressamos  
Encarcerados num frágil pote de barro

*Ciro Julio Cellulare*

F – CCSC • "Com a participação no volume 16 do Poeta de Gaveta, tive a minha primeira poesia publicada, agora posso desvendar outras gavetas, outras memórias."



### Projeto POETA DE GAVETA

Inscrições realizadas no período  
de 3 a 15 de julho de 2010.

Total de 48 participantes  
com 123 trabalhos inscritos:

Lorena • 6 p – 15 t  
Piracicaba • 9 p – 23 t  
Ribeirão Preto • 22 p – 53 t  
São Carlos • 11 p – 32 t

**Poeta de Gaveta** é uma publicação anual de textos de poesia e prosa produzidos por alunos, docentes e funcionários dos *campi* do interior da USP, com etapas de inscrição e seleção. É editada pela Seção de Atividades Culturais da Coordenadoria do Câmpus de Ribeirão Preto – USP.

Os textos publicados são de inteira responsabilidade de seus autores.





**POETA DE GAVETA**

Volume 17 – 2011

ISSN 1516-0513

*Impresso em junho de 2011.*

*Tiragem de 800 exemplares.*

*Distribuição gratuita.*

*Proibida a reprodução sem prévia autorização.*

**Impressão e Acabamento**



**EDITORA DAIKOKU**

*Editora Daikoku Ltda.*

Rua Ibituruna, 548 – Parque Imperial

São Paulo, SP . CEP 04302-052

Tel.: (11) 5073.0966 / 5058.0254

[www.daikoku.com.br](http://www.daikoku.com.br)